

## A arte de construir o sucesso. Persas e Gregos em Salamina

*Maria de Fátima Silva*  
Universidade de Coimbra

---

Tratava-se para Êsquilo, em 472 a. C., de partilhar, com o auditório ateniense, um sentimento de tremendo alívio, associado a um orgulho incontido pelo desfecho glorioso alcançado pela Grécia sobre um temível inimigo de sempre: o oriente próximo, que agora usava o rótulo de «grande império persa». Ao recordar as horas que definiram o resultado do conflito —Maratona, Salamina e Plateias—, o poeta incentivava o auditório a reflectir sobre as causas profundas que poderão ter decidido do resultado inesperado de um confronto exemplar: aquele que opôs a máquina de guerra de uma potência imperialista contra as limitações materiais de um povo, que encontrava nos ideais de liberdade e de justiça as suas principais armas de defesa. Era uma grande lição de história a que o poeta transferia para uma versão poética. Mas, dentro desse projecto dramático, que o patriotismo desde logo justificava, Êsquilo tornava-se igualmente voz, mais uma voz, da diferença que definia um «outro» em traços precisos, numa inevitável oposição ao sentido de Hélade, sob critérios políticos, sociais, militares e culturais.

Quem era esse inimigo, o «outro», quais as suas capacidades, objectivos e processos, em contraste com a índole helénica, eis o que Êsquilo se empenha em concretizar, dentro de um cenário que situa em Susa, a capital da Pérsia; nela as únicas vozes que se ouvem são persas, de um coro de conselheiros ou dos senhores responsáveis pela autoridade régia, que domina na corte. É, antes de mais, um auto-retrato o que o poeta sugere; mas o autor que dá voz ao quadro é grego e, por isso, os traços que desenha são aqueles que deram forma à impressão que, ao longo dos tempos, a Grécia construiu do seu vizinho oriental. A definição das suas características, em confronto com o *nomos* helénico, teve em Sa-

lamina a sua expressão suprema. É a análise desse momento da história, na versão esquiliana, que nos propomos particularizar.

É, em primeiro lugar, dos ausentes que a cena se enche. Pela voz dos que a idade impediu de partir, os velhos conselheiros, podemos reconstituir, em imaginação, a enorme força que partiu, sob a égide do poder persa, à conquista da Grécia, como um primeiro passo da ocupação da Europa. Como processo dramático e poético, Êsquilo regressa à conhecida tradição épica do catálogo<sup>1</sup> para executar o retrato de uma máquina de guerra, como imagem da natureza de um povo e do comportamento imperialista que o destino lhe atribuiu. Mas, ao motivo homérico, Êsquilo confere agora, numa adaptação à realidade que lhe é próxima, a capacidade não de fazer brilhar pergaminhos de heróis ancestrais, mas de delinear as componentes de um inimigo que vai, progressivamente, enumerando. Com esta adaptação, a rotina de um processo poético conhecido transformava-se em novidade e em factor de exótico. Este primeiro catálogo da peça (1-64) —que volta com insistência ao mesmo modelo— sujeitou-se, naturalmente, ao confronto com outros relatos e crônicas, de historiadores, geógrafos ou testemunhos ao vivo, de acontecimentos recentes; por isso, a imaginação do poeta encontrou como limite o controle de uma opinião pública para quem a cena revivia acontecimentos próximos e pessoalmente experimentados.<sup>2</sup>

É muito sóbria a informação que contextualiza o espectador no espaço do cenário: uma identificação breve dos elementos do Coro como os «Fiéis» (2),<sup>3</sup> cortesãos submissos a uma autoridade régia, de que o palácio de uma opulência dourada (πολυχρύσων ἐδράνων, 3-4)<sup>4</sup> é a moldura; os nomes dos soberanos, últimos detentores do poder ancestral de uma dinastia de prestígio, Xerxes e Dario (5-6);

<sup>1</sup> Sobre a tradição épica do catálogo e exemplos conservados, cf. E. Hall, *Aeschylus. Persians*, Warminster, 1996, pp. 108-109. São paradigmáticos os versos da *Il.* 2. 494-759, 816-877.

<sup>2</sup> Sobre as fontes disponíveis, cf. E. Hall, *Inventing the barbarian*, Oxford, 1989, pp. 74-76.

<sup>3</sup> Cf. 171, 443, 681, 979, onde o mesmo título é aplicado à hierarquia vigente na corte persa; cf. Hdt. 1. 108.

<sup>4</sup> Outros epítetos colaboram com este na construção da imagem de opulência do palácio de Susa; cf. χρυσέστολμος «ornamentado de ouro» (159), que é um hápax.

a constatação do silêncio que separa a sede do poder dos executores do seu programa de conquista; e a menção de um exército, também ele, tal como o palácio que o destinou a uma campanha, de uma opulência dourada (πολυχρύσου στρατιάς, 9), bastam a abrir caminho à memória, que se traduz no retrato dessa multidão de ausentes —toda a força masculina da Ásia— feita num catálogo elaborado.

Uma fórmula de síntese convida a um olhar de conjunto sobre essa força que é mista, porque provém da Ásia inteira, mas que encontra na submissão a um só poder o sentido da sua identidade. Susa e Ecbátana, as cidades de residência da corte persa, ligadas pelas montanhas da Cissia (16-18), como ponto de partida para esta aventura militar, são factores de uma coesão firme: a que permitiu reunir, sob o comando único de um soberano, uma força diversificada.

Timbrada com a marca de «forças do rei» (βασιλείος στρατός, 66), ou de «exército persa» (περσικὸν στράτευμα, 116, cf. 335), a multidão armada obedeceu a uma organização interna, que tornou clara a repartição genérica do seu potencial: cavalaria, armada e infantaria (18-20). Mas, a partir deste olhar global, estão criadas condições para uma definição particularizada de cada esquadrão, que destaca povos distintos, submetidos à autoridade de Susa, mas ainda assim detentores de características de uma individualidade que importa demarcar. Persas, Egípcios, Lídios, Mísios e Assírios constituem uma hierarquia que os isola dentro do povo anónimo com que a Ásia inteira ali está representada (56-58). E. Hall<sup>5</sup> chama a atenção para o efeito, por entre o aparato de neologismos e de compostos, que uma palavra vulgar como, por exemplo, πᾶς «todo» ganha, numa peça onde a ideia do número é vital, através da própria repetição: *e. g.*, «todo o poder da Ásia» (11-12), «a Ásia inteira» (56-61, 249, 548-549, 763), «todo o exército» (255, 278-279). «todas as vítimas» (254), «toda a população bárbara» (434), «toda a juventude» (670), «Susa inteira» (730).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> *Persians*, p. 24.

<sup>6</sup> Outro tanto é proporcionado pela insistência em πολὺς (3, 9, 25, 46, 843, 845), πλῆθος (40, 337, 342, 352, 413, 432, 803), ὄχλος (42, 53). Repetida é também a ideia de uma mescla, de povos e distintivos militares, que tornam esta mole imensa de forças num incrível xadrez (τὰ πολλὰ βέλεα παμμυγῆ, 269).

Através da definição de povos, caminhamos no sentido da identificação dos chefes, no que é, dentro de uma mole imensa de forças armadas, a evidência de uma sólida hierarquização. Estes chefes que são, no catálogo de *Persas*, os substitutos históricos e concretos dos heróis do mito, desfilam no exótico de cadeias de nomes, que criam a sonoridade vibrante de uma língua que soa estranha aos ouvidos dos Gregos. Amistres, Artáfrenes, Megabates e Astaspes (21-22),<sup>7</sup> Artembares, Masistres, Imeu, Farandaces e Sostanes (29-32) trazem cadências persas a ouvidos atenienses; como os Egípcios Susiscanes, Pegastagon, Arsames e Ariomardo (34-38); ou os Lídios Mitrágates<sup>8</sup> ou Arcteu (43-44); ou os Mísios Márdon e Tárabis (51). Muito provavelmente adaptados, estes nomes possuem tonalidades que soam genuínas aos ouvidos dos orientistas dos nossos dias.

Aos nomes associam-se os epítetos — e há que reconhecer que *Persas* constituem um exemplo paradigmático da capacidade de Êsquilo na criação de neologismos,<sup>9</sup> muitos deles de inspiração épica, contribuindo com o seu ar antiquado para o exótico geral da linguagem—, qualificativos em profusão, que tornam o discurso florido de modo a sugerir o estilo rebuscado vulgarmente atribuído ao oriente. Antes de mais são os títulos — e são variados— que os identificam como indivíduos investidos de comando. Assistelhes a nobreza de sangue e o estatuto de soberanos, ainda que subordinados à autoridade de um poder autocrático, o do Grande Rei. Num cruzar hábil de títulos, Êsquilo estabelece esta cadeia de autoridades, βασιλῆς βασιλέως ὑποχοι μεγάλοι «reis vassallos do

---

<sup>7</sup> Curiosamente não há uma correspondência entre estes nomes e os referidos por Heródoto, o que põe em causa a sua veracidade; haverá diferença nas fontes utilizadas? Ou Êsquilo está simplesmente a inventar nomes, de acordo com a sua própria imaginação ou com a tradição divulgada pela opinião pública que o cercava? A sonoridade que produzem parece convincente, como capaz de reproduzir tons iranianos (cf. Hall, *Persians*, 109). Alguns dos elementos que os compõem são conhecidos: *art-* (Artáfrenes) corresponde a «justo», ou *-aspes* (Astaspes) a «cavalo». Cf. E. Hall, *Inventing the barbarian*, pp. 76-78.

<sup>8</sup> Equivalente, em persa, a «por quem o deus Mitra é celebrado».

<sup>9</sup> Estes são os famosos neologismos, bem conhecidos dos espectadores de Êsquilo, a que se refere Ar. *Ra.* 837-839, 924-926, 962-963, 966, que até o deus do teatro deixavam estonteado, quanto mais os comuns espectadores.

Grande Rei» (24). Exercem, nas suas cidades, como representantes de velhas dinastias, um poder régio; assim os Egípcios Arsames o Grande (ὁ μέγας, 36-37), senhor da antiga Mênfis (τῆς ἱερᾶς Μέμφιδος ἄρχων), ou Ariomardo, o detentor do poder na velha Tebas (τὰς τ' ὠγγυίους Θήβας ἐπέπων, 37-38). Autoridade igual é ainda reconhecida pela corte persa aos Lídios, cujo território se tinha tornado simples província do grande império, a maior do lado ocidental da Ásia, sem que o exercício do poder local tivesse deixado de ser atribuído pelos novos dominadores aos chefes indígenas. Da velha nobreza lídia, Mitrágates e Arcteu continuavam a merecer o título de «soberanos», βασιλῆς δίοποι (44).

Associados às suas pátrias de origem, estes comandantes auferem do lustro tradicional das que foram, no mundo antigo, as grandes sedes civilizacionais; assim à menção do Egito cola-se a referência à fertilidade do Nilo como seu *ex libris* (μέγας καὶ πολυθρέμμων Νεῖλος, 33-34), ou às mais antigas das suas cidades, Mênfis e Tebas (36, 38). Do mesmo modo que a menção da Lídia é indissociável da referência à sua capital, Sardes, «a cidade do ouro» (πολύχρσοι Σάρδεις, 45; cf. Hdt. 5. 101. 2); ou que à ideia de Mísios se associam as alturas sagradas do Tmolos, que os separam dos seus vizinhos lídios (49); reluz, por fim, o nome de Babilónia, também ela «cidade do ouro» (52-53), consagrando em definitivo πολύχρσος como o epíteto que melhor serve a identidade oriental. Vistasas e tradicionais são também as menções genealógicas como a de Pegastagon, «filho de Egípto» (35).<sup>10</sup>

O ímpeto de guerra que une todos estes senhores da Ásia obrigou a um ajuste dos seus habituais qualificativos. A uma autoridade tradicional, associam agora a responsabilidade de um comando militar, que os converte em «comandantes» (ταγοί, 23, ἔφοροι, 25), o que lhes redimensiona o prestígio em função do número de forças sob seu comando —um eterno critério de ascendente na avaliação do oriente. A noção de *arete*, inevitável na tradição do catálogo, pode exprimir-se por epítetos que vivem de um mero apoio da convenção: ἔσθλός «valente» (31), μέγας «grande» (37), ἀγαθός «superior» (44). Mas podem também contribuir para a expressão de uma competência concreta, que, em definitivo, relaciona cada chefe com o

<sup>10</sup> Epítetos terminados em -γενής «filho de» são igualmente abundantes na peça.

batalhão específico que comanda e com as aptidões de excelência do seu povo. Através dos seus chefes, os combatentes anônimos ganham uma identidade dentro do esquadrão a que pertencem. Um comando de arqueiros e uma força de cavalaria (τοξοδαίμαντες,<sup>11</sup> ἵπποβάται, 26) sintonizam o essencial dos contingentes persas com os seus chefes, que usam epítetos equivalentes, em boa parte criação de Êsquilo, de inspiração épica: ἵππιοχάρμης<sup>12</sup> «cavaleiro ardoroso», Artembares (29), τοξοδάμας, Imeu (30 sq.; cf. ainda 926). Fôlego e ardor, para além dos símbolos de diferentes especialidades militares —o cavalo e o arco—, identificam a competência e empolam a determinação e qualidade da hoste persa, que exerce, pela simples visão que oferece, um efeito de pânico sobre o adversário: «assustadores de ver, terríveis no combate pela ousadia dos seus corações» (φοβεροὶ ... δεινοὶ ... εὐτλήμονι δόξῃ, 27-28).

Dada prioridade ao esquadrão que representa o promotor da campanha —os Persas—, seguem-se os Egípcios. É a armada o que constitui, no seu caso, a excelência (39-40; cf. Hdt. 7. 97). Também eles são «terríveis», para além de «incontáveis» (δεινοί, ἀνάρητοι), pelo esquadrão de marinheiros hábeis na condução de navios próprios para a navegação em terrenos pantanosos; com o epíteto ἐλειοβάται,<sup>13</sup> criação sua, Êsquilo define, no pormenor, um tipo de embarcação apropriado às que são as necessidades específicas dos campos alagados pelo Nilo, onde a própria natureza se encarregou de exercitar os homens.

Vêm depois os Lídios,<sup>14</sup> que contrastam, a um só olhar, com a imagem «assustadora» dos seus companheiros de armas. Caracteriza-os, para além do número (Λυδῶν ὄχλος, 41-42), a fragilidade e a moleza, a que o luxo os habituou;<sup>15</sup> ἀβροδαίτος<sup>16</sup> (41) é um neolo-

<sup>11</sup> Τοξο-δαμά «arqueiros triunfantes» é um neologismo.

<sup>12</sup> Ἴππιο-χάρμη «cavaleiro ardoroso» é um epíteto homérico aplicado àquele que «combate sobre um carro» (cf. *Il.* 24. 257, *Od.* 11. 259), repetido por A., *Pers.* 105.

<sup>13</sup> Ἐλειοβάτης «próprio para se deslocar em águas pantanosas».

<sup>14</sup> À conquista da Lídia pelos Persas, c. 547/6 a. C., dedica Heródoto vários capítulos do seu Livro I (79-86).

<sup>15</sup> Cf. Hdt. 1. 155. E. Hall, *Persians*, Introd. p. 11, recorda como cobardia e feminilidade são características que denigrem o bárbaro face ao superior conceito de *andreia*, muito valorizado pelos Gregos.

<sup>16</sup> Hall, *Persians*, p. 22, valoriza o número de compostos com o elemento ἀβρός na peça; cf. 135, 541-543, 1073; sobre o uso da mesma palavra, cf. ainda E. Hall, *Inventing the barbarian*, p. 81.

gismo encontrado para lhes definir o estilo de vida. Mas distinta é também a natureza militar do esquadrão que os representa, constituído essencialmente por carros de guerra (45-46). Sobre esse que é o lema específico do batalhão lídio, Êsquilos atrai a nossa atenção com dois epítetos, que lhe dão a pujança dos corcêis que o impulsionam, atrelados a duas ou três parelhas (δίρρυμά τε καὶ τρίρρυμα τέλη, 47).<sup>17</sup> Como uma fórmula de novo repetida, a menção dos Lídios termina com a visão aterrorizadora que oferecem ao adversário (φοβερὰν ὄψιν προσιδέσθαι, 48 cf. *supra* 27, φοβεροὶ μὲν ἰδεῖν e ainda 179, 210, 398). Convictos, nas suas proclamações solenes, de poderem subjugar o inimigo (49-50), os Lídios apresentam-se como verdadeiras «bigornas de lanças» (λόγχης ἄκμονες, 51), ou seja, como capazes de resistir à investida das lanças adversárias. Nos *Persas* em geral, a lança tem uma associação com o exército grego, por antítese com o arco, logótipo do exército oriental (cf. 85-86).<sup>18</sup> Da Mísia vizinha vêm os esquadrões, hábeis no arremesso do dardo, ἀκοντισταὶ Μυσοί (52).

Babilónia, a jóia do oriente, merece a última menção no catálogo. De acordo com a sua natureza esplendorosa e como espaço de cruzamento de muitos povos, caracteriza-a a índole mista do torrencial de tropas que enviou (πάμμεικτον ὄχλον πέμπει σύρδην, 53-54); marinheiros e archeiros decididos agrupam o seu potencial humano.

Uma menção última repõe, por trás de contingentes precisos, a mole imensa de tropas, que um só epíteto, μαχαιοφόρον<sup>19</sup> (56) «portadora do sabre» parece agora agrupar como «o grande exército asiático».

Terminado o catálogo, o coro desenvolve, em tom lírico (65-139), o desenho de um povo enorme, sob a chefia de um único poder, que se põe em marcha, caudaloso e impressionante, contra a Grécia. Da memória objectiva de um quadro que retêm, os velhos passam para a avaliação especulativa do sentido oculto de cada decisão do invasor. É nosso interesse aqui salientar a personalidade do Grande Rei, para cujo poder absoluto os anapestos anteriores vinham

---

<sup>17</sup> ῥυμός aplica-se ao que serve para puxar, «o temão» de um carro de cavalos. Δίρρυμος e τρίρρυμος são hápax em Êsquilos.

<sup>18</sup> Cf. E. Hall, *Inventing the barbarian*, pp. 85-86.

<sup>19</sup> Este é um epíteto aplicado a comunidades não gregas, com maior precisão usado por Heródoto a propósito dos Egípcios (9. 32), e por Tucídides em relação aos Trácios (2. 96, 7. 27).



a captar a nossa atenção com referências constantes, e que agora ganha um novo individualismo e majestade. A pessoa do Grande Rei, na sua individualidade, mescla-se com o poder que lhe advém do número de súbditos que se sujeitam à sua autoridade. Xerxes é poderoso, antes de mais por razões de ordem pessoal e genética. Assiste-lhe o ímpeto próprio de um guerreiro (θούριος ἄρχων, 73 cf. 718, 754),<sup>20</sup> mas sobretudo a força de um ascendente que faz dele um «filho da chuva de ouro» (χρυσογόνου γενεᾶς, 80),<sup>21</sup> «semelhante a um deus» (ισόθεος, 80; cf. 856). A este herdeiro de uma corte predestinada ao poder e ao sucesso incumbe o comando de um povo imenso, disperso pelo enorme continente asiático (πολυάνδρου Ἀσίας, 73),<sup>22</sup> mas submisso, qual rebanho dobrado às ordens do pastor (ποιμανόριον, 75).<sup>23</sup> E nem só o povo anónimo o segue, confiante nas suas ordens; toda uma hierarquia de «chefes firmes e rudes» (ὄχυροῖσι στυφελοῖς ἐφέταις, 77-78) estabelece, entre o supremo soberano e a sua gente, uma cadeia de autoridade e eficiência no terreno.

Concentrada no olhar toda a força de uma alma violenta e talhada para a conquista, Xerxes brilha ao comando de um carro sírio (Σύριόν θ' ἄρμα, 84; cf. Hdt. 7. 140), forte no número de braços e de navios que o rodeiam (πολύχειρ καὶ πολυναύτας,<sup>24</sup> 83; μέγῳ ῥέυματι φωτῶν «caudal imenso de homens», 88; σὺν ὀρχάμῳ στρατοῦ «como

<sup>20</sup> Este é um epíteto aplicado aos Atridas, no comando dos Aqueus a caminho de Tróia; cf. *Ag.* 112. Comporta a ideia de «raiva», que Homero aplica a um deus Ares, sedento de violência e de sangue, *Il.* 15. 127; mas implica também a ideia de precipitação.

<sup>21</sup> Esta expressão, que parece neologismo de Êsquilo, funciona como um lema da casa real persa, aludindo ao seu epónimo Perseu, filho de Zeus e de Dánae, fecundada pelo senhor do Olimpo sob a forma de uma chuva de ouro; cf. Hdt. 7. 61, 7. 150.

<sup>22</sup> Πολυάνδρος é um neologismo caro a Êsquilo; cf. 533, 899, a par da mesma preocupação com o número expressa por κένανδρος, 118, e ἄνανδρος, 166, 288, 298. Heródoto dá conta da importância do mesmo critério entre os orientais; cf. 1. 136, 7. 9, 44-49, 59-60, 146-147. Sobre esta questão, cf. ainda Th. Harrison, *The emptiness of Asia*, London, 2000, pp. 66-75.

<sup>23</sup> Ποιμάνωρ é hápax. Em Homero, no entanto, a expressão ποιμένα λαῶν, «pastor de povos», é comum, aplicada a chefes, Agamémnon em particular.

<sup>24</sup> Πολυναύτης é um hápax.



um enxame de abelhas», 129), como na coragem e competência dos seus combatentes (ἀπρόσοιστος, ἀλκίφρων, 91-92).<sup>25</sup>

Mas sobre todo este potencial pesa o destino, a *Moir*a persa, que impôs aos filhos de Perseu, como regra inevitável, um lema de conquista (102-105): «Pelos deuses um destino foi imposto aos Persas, desde sempre, o de promover guerras que derrubam muralhas (πυργοδαίκτους),<sup>26</sup> combates onde se opõem cavaleiros (ἱππιοχάρμας) e rebeliões nas cidades».<sup>27</sup> Consagrado pela tradição, o objectivo de conquista conhecia, porém, nesta campanha entre todas ousada, um contexto inédito (109-113). Um ἔμαθον à cabeça do verso testemunha uma nova aprendizagem, que levou os Persas, povo de cavaleiros e de infantes (ἱππηλάτας καὶ πεδοστιβίης λεώς, 126),<sup>28</sup> a ousar uma aventura marítima (ἔσορᾶν πόντιον ἄλσος, 111), «confiantes (πίσυνοι) nos edifícios leves dos cordames (λεπτοδόμοις πείσμασι) e nos engenhos de transporte de homens (λαοπόροις τε μαχαναῖς, 113-114)».<sup>29</sup>

O párodo cumpre assim uma função primordial numa peça onde importa, em primeiro lugar, definir o «outro» que lhe dá o título. O desenho é ditado pelo contacto pessoal, promovido por anos de guerra ainda presentes em todas as memórias, e por uma tradição que, ao longo do tempo, foi estabelecendo uma imagem convencional do oriente; a que não faltou, como marca pessoal do poeta, longos e inovadores vocábulos que identificaram, entre os seus contemporâneos, o velho Êsquilo (cf. o testemunho de *Rās*).

---

<sup>25</sup> Ἀπρόσοιστος, «irresistível», e ἀλκίφρων, «de alma forte» são ambos hápax também.

<sup>26</sup> Πυργοδαίκτος é um hápax.

<sup>27</sup> Já antes o coro tinha usado, para o exército do Grande Rei, o epíteto de περσέπολις (65) «aniquilador de cidades», no que parece sugerir um jogo de palavras e de sentidos; περσ-, ligado a πέρθω «aniquilar, destruir», constitui, na forma πέρσαι, o infinitivo do aoristo do referido verbo; logo, evidente a proximidade com o nome do povo, Πέρσαι, chegamos à ideia da habitual predestinação que os nomes contêm; por outro lado, περσέπολις é sugestivo do topónimo Persépolis, uma famosa cidade onde se encontravam as sepulturas dos monarcas persas.

<sup>28</sup> Ἱππηλάτης, cf. *Il.* 4. 387, *Od.* 3. 436, 444; πεδοστιβίης, *e. g.*, *A. Supp.* 1000; *E. Med.* 1123.

<sup>29</sup> Λεπτόδομος «edifício leve» é um hápax; tal como λαοπόρος «que faz a travessia de um povo».

Um diálogo com Atossa, a voz da autoridade na ausência do soberano, confirma, no plano social e político, em contexto de paz, a mesma supremacia opulenta e requintada. Objecto de uma reverência submissa por parte dos cortesãos, que se prostram à entrada da soberana dos Persas, que é também mãe e esposa de reis (150-154), esta cena põe um ponto final no desenho de uma corte próspera e autocrática. Os termos usados para lhe caracterizar o poder são os que servem também a Heródoto para exprimir a riqueza opulenta do oriente, μέγας πλοῦτος e ὄλβος (*Pers.* 163-164; cf. *Hdt.* 1. 30-32). Mas mais do que uma fortuna imensa, o rei persa detém uma autoridade superior e incontestada, que se encontra acima do êxito ou insucesso das suas decisões ou políticas (212-214): «Se se sair bem, gozará de um enorme prestígio; se se sair mal, não tem contas a prestar ao país e, desde que volte a salvo, manterá o domínio da sua terra».<sup>30</sup>

Mas, mais do que completar, com a imagem de uma paz majestosa, o retrato da corte oriental, o diálogo dos conselheiros com Atossa proporciona uma visão internacional da Grécia, o mesmo é dizer, um quadro de contraste entre duas culturas que se faz de acordo com critérios não gregos. Regressam, condicionando as perguntas de Atossa sobre o inimigo, os mesmos parâmetros de observação que ditaram o catálogo das forças orientais. Apenas o modo dramático de o constatar mudou radicalmente: a um catálogo, que permite uma torrente de informações de pormenor, e se acomoda ao relato caudaloso de um exército heterogêneo e imenso, substitui-se a sobriedade e laconismo de uma esticomitia, que serve bem o desenho de um povo coeso e sóbrio. Atenas é, na leitura competente dos responsáveis pela política persa, um paradigma do ocidente, e, na Grécia, a mais prestigiada das cidades (231-234). São tópicos, na mente oriental, os pontos questionados por Atossa e expressivas, na sua simplicidade, as respostas: o número de tropas que constituem o exército grego poderá ombrear com o número inaudito do potencial asiático (ἀνδροπλήθεια<sup>31</sup> στρατοῦ, 235)? Na resposta do coro —«trata-se de um exército que já causou prejuízos

---

<sup>30</sup> Esta afirmação não deixaria de soar estranha aos ouvidos de uma sociedade, cujo regime democrático impunha, aos magistrados em fim de mandato, um processo de «prestação de contas» (εὔθυναί).

<sup>31</sup> É mais um hápax o epíteto com que Atossa formula a sua questão.

tremendos aos Medos», 236— vai patente o princípio da qualidade como superior ao da abundância: inteligência, disciplina, poder naval, determinação, eis as traves mestras dessa qualidade. Depois a riqueza, o tesouro que sustenta uma aventura de guerra (πλοῦτος ἔξαρκῆς δόμοις), a que a Grécia responde, ao brilho do ouro resplandecente em toda a Ásia, com a simples prata do Láurion (237-238); o potencial militar e estratégico é uma vez mais contrastado: aos archeiros (cf. 555-557, 1019-1021), o esquadrão típico do oriente, que no combate se refugiam na distância, os Gregos preferem uma infantaria armada de espada e escudo, treinada principalmente nos riscos de uma luta corpo a corpo (239-240); para, por fim, se sobrepor a todas as outras considerações a questão suprema da hierarquia do comando: a terminologia é, neste particular, falante do contraste que opõe um poder autoritário a uma sociedade livre e democrática; Atossa exprime a ideia de poder com o título de ποιμάνωρ «pastor de povos» (cf. 74) para um chefe que se impõe, pelo autoritarismo, sobre os homens (ἔπεστι κάπιδεσπόζει, 241); o coro contrapõe, pela negativa, a ideia de subserviência como não aplicável ao inimigo grego (οὔτινος δοῦλοι ... οὐδ' ὑπήκοοι, 242).

Em estudada dissemetria, o párodo e uma primeira cena com a rainha estabeleceram com clareza os antecedentes de uma campanha e posicionaram, frente a frente, as partes em litígio. É chegado o ponto de partida para a avalanche, progressivamente mais tensa, dos resultados.<sup>32</sup>

A sua verificação, que se irá construir através de sucessivos relatos, impõe-se desde logo com uma fórmula geral, que, retomando os tópicos que constroem, globalmente, as traves mestras do poder asiático, crava nelas palavras de destruição (249-255). O envolvimento geral da Ásia inteira (γῆς ἀπάσης Ἀσιάδος πολίσματα), a tradição de riqueza e prosperidade que lhe assiste (περὶς αἶα καὶ πολὺς πλοῦτου λιμήν, πολὺς ὄλβος), o potencial do seu exército (τὸ

---

<sup>32</sup> Repetindo palavras de E. Hall, na sua introdução à edição e tradução dos *Persas*, p. 20, é altura de valorizar o efeito, cénico e poético, que têm na peça as chamadas «cenas de espelho», de que as duas entradas de Atossa são exemplo. Do mesmo modo que duas leituras de uma mesma cena — a entrada da rainha — estabelecem uma estudada simetria dramática, assim também os sucessivos catálogos proporcionam, em termos poéticos, efeitos correspondentes.

Περσῶν δ' ἄνθος), são feridos pela brevidade decisiva do infortúnio (ἐν μιᾷ πληγῇ κατέφθαρται οἴχεται), como modelo paradigmático da fragilidade da ventura humana.

A constatação da ineficácia de algumas das que se consideravam prerrogativas persas, de um ponto de vista geral —a incapacidade bélica do arco (οὐδὲν γὰρ ἤρκει τόξα, 278 cf. 239), ou a fragilidade de um exército, por tradição terrestre, contra a investida de uma armada poderosa (στρατὸς δαμασθεῖς ναίοισιν ἐμβολαῖς, 279; cf. 109-113)— abrem caminho a um segundo catálogo, agora descrito pelo mensageiro, onde à grandeza de chefes e combatentes alistados à partida, se substitui, em grandeza equivalente, o número imenso de baixas (πλήθουσι νεκρῶν, 272-273).

É Atossa quem estimula o mensageiro a um novo catálogo, o que corresponde ao balanço de resultados. O seu coração de mulher e mãe privilegia os vivos, antes de se couraçar para ouvir a longa lista dos caídos em combate. Correspondendo à sua expectativa, o mensageiro pronuncia o nome de Xerxes, antes de mais filho, mas também soberano (299). Atossa colhe a luz fulgurante da notícia, saudando a alegria de uma mãe que recupera um filho e de uma corte que recupera o seu rei. Mas não deixa de ser chocante a impressão deixada por este nome isolado, de um único sobrevivente, o monarca, separado pelo destino e por uma má estratégia, dos homens seus subordinados, cuja vida não soube preservar; Xerxes e o seu regime revestem, por trás da «luz ofuscante» da notícia, a imagem sombria do fracasso.

Como se a anarquia própria do combate se tivesse apoderado da narrativa, o catálogo de mortos agora debitado pelo mensageiro (302-330),<sup>33</sup> também ele testemunha ocular de um quadro, perdeu todo e qualquer sinal de organização; a parada hierarquizada, de que os conselheiros detinham a imagem da hora da partida, é

---

<sup>33</sup> Cf. M. Ebbott, «The list of the war dead in Aeschylus' *Persians*», *HSPH* 100 (2000), pp. 83-96, vê, neste catálogo, uma adaptação à tragédia das listas de baixas a que uma Atenas em guerra estava acostumada, como documento oficial. Salienta, assim, o efeito dramático de um processo, agora instalado em terreno inimigo, mas onde o seu público se poderia rever. Ao contrário desta Autora, que vê, entre o catálogo de tipo épico do párodo e o relato do mensageiro, marcas formais de dois tipos distintos de modelo —o catálogo e a listagem oficial de mortos—, eu acho que existe entre os dois textos, dentro dos *Persas*, uma clara ressonância dramática.

substituída por um catálogo indisciplinado, onde os contingentes deram lugar a indivíduos, o valor relativo de cada contributo cedeu à amálgama de povos, aliados de todos os níveis de importância do Grande Rei; toda esta mescla de nomes, sobretudo individuais, e de armas serve para mostrar como todos os contingentes, sem distinção, foram dizimados. Uma nova cadeia de guerreiros, de que poucos coincidem com os anteriormente mencionados no primeiro catálogo, identificam vítimas, sobretudo indivíduos, nem sempre, desta vez, expressamente relacionados com o país de origem: a Artembares (302; cf. 29), antes referido entre os Persas, seguem-se Dadaces (304), Ténagon (306) da Bactriana, Lileu, Arsames (cf. 37) e Argestes (estes últimos nomes referidos no v. 308); provindos do Egípto, de que o Nilo é ainda a referência (311; cf. 33-34), Farnuco, Arcteu, Adeves e Feresseves (312-313); de Crisa, na Tróade, Matalo (314); da Média, Árabo o Mago (317; sobre o título, cf. Hdt. 1. 101); da Bactriana, Artames (317); Amistris e Anfistreu (320); Ariomardo da Lídia (321; cf. 38, onde o mesmo nome é dado a um chefe egípcio, e ainda 968); Sisames (322) e Tárabis da Mísia (323-324; cf. 51); e, por fim, Siênesis da Cilícia (326-327).

Na morte, tão distintos guerreiros conservaram as suas marcas de nobreza, patentes nos epítetos que continuam a ilustrar-lhes os nomes: Ténagon de Bactriana é um herói de linhagem ascestral (ἄριστος ... ἰθαγενής, 306) Ariomardo um valente (ἔσθλός, 321; cf. 31); Tárabis um homem imponente (εὐειδής, 324), e Siênesis o primeiro em coragem (πρώτος εἰς εὐψυχίαν, 326). A alguns deles cabe a distinção de chefes (βραβεύς, 302, ταγός, 324; cf. 24, ἄπαρχος, 327), ou a competência específica da arma que dominam, como Anfistreu, portador de uma lança infatigável (πολύπουνον δόρυ, 320). Mas, dos epítetos agora usados, desapareceu por completo a noção de um ponto de confluência, como aquele que os unia na condição de súbditos ou vassallos da autoridade persa. Com a agitação do combate, a disciplina desapareceu, a hierarquia ruiu e denunciou-se como um mero princípio, político ou administrativo, que não resiste à prova da crise. Não é, assim, a despropósito que Êsquilo passa a valorizar uma maior individualidade de cada guerreiro, agora que, apagada a autoridade centralizadora, cada um está, de facto, entregue à sua própria capacidade de resistência.

A ideia, antes tão superlativada, da importância do número não se apagou por completo, mas também ela sofreu um ajuste à nova realidade; alguns comandantes surgem prestigiados ainda pela

quantidade de homens sob seu comando: Artembares é chefe de 10.000 cavaleiros (μυρίας ἵππου βραβεύς, 302), Dadaces um quiliarco, «chefe de 1.000 homens» (304), Matalo «condutor de 10.000 homens» (μυριόνταρχος,<sup>34</sup> 314), Artames «chefe de 30.000 cavaleiros negros» (ἵππου μελαίνης ἡγεμῶν τρισμυρίας, 318).<sup>35</sup> Mas, na impressão que causam, representam um choque tremendo com a simplicidade da morte, que os vitima sem respeito, um por um, numa terrível, mas eficaz, singularidade. É vistosa a ocorrência de τρίτος, em fim de verso (308, 313), repetidamente acentuando o número de vítimas que pereceram em conjunto, partilhando de um destino único ou derrubadas de uma só nau (ναὸς ἐκ μιᾶς πέσον, 312).

Porque mais do que qualquer outra autoridade foi a morte quem, desta vez, tomou o pulso dos acontecimentos e os uniu num destino comum, sob o seu poder incontestado. Curiosamente a chacina parece produzida por um inimigo ausente ou silencioso, porque não há Gregos enumerados como heróicos autores de tão certos golpes. No entanto a morte é um processo activo, que se faz não de imobilidade, mas de um choque ou de uma resistência que cada cadáver trava ainda com o adversário. Este, porém, tem em Salamina, a ilha áspera, despojada, mas crua e inabalável, o seu símbolo mais poderoso. É como se, mais do que os homens, a *physis* rejeitasse a incursão inaceitável e ímpia de um estranho conquistador (272-273). E essa *physis* grega desenha-se com os contornos de Salamina, o terreno do choque, por trás do qual se ergue, como autora do desastre, a cidade de Atenas: «Salamina, nome entre todos doloroso de ouvir! Ah! Quantos soluços me custa a lembrança de Atenas» (284-285). A curiosidade de Atossa sobre uma Atenas que desconhecia (231-234) era agora dada, pelos acontecimentos, uma resposta cabal. Os epítetos vistosos, que antes coloriam a imagem do grande exército asiático ou a imponência dos seus chefes, transferem-se para Salamina, o símbolo de uma resistência insuperável. Artembares 'vai chocando nas ribas rochosas da costa silénia da ilha' (στύφλους παρ' ἄκτας θείνεται Σιληνιώ, 303); Dadaces «de um salto ligeiro do cimo da sua galera» (πήδημα κούφον ἐκ νεῶς ἀφήλατο, 305) submergiu nas águas que a circundam;

<sup>34</sup> Este composto é um hápax.

<sup>35</sup> No respeito do que é o critério persa de organizar os seus contingentes em múltiplos de dez (cf. Hdt. 7.81), o texto multiplica-se em numerais que o sugiram, χιλιαρχός, 304, desde logo; cf. μυριόνταρχος, 314.

Ténagon «toca a ilha de Ájax, batida pelas ondas» (θαλασσόπληκτον νῆσον Αἴαντος πολεῖ, 307);<sup>36</sup> Lileu, Arsames e Argestes «rodavam em volta da ilha que alimenta os pombos, chocando contra a margem resistente com a sua frente de vencidos» (ἀμφὶ νῆσον τὴν πελειοθρέμωνα νικώμενοι κύρισσον ἰσχυρὰν χθόνα, 308-310);<sup>37</sup> por fim, Artames «passou a habitar o solo duro onde pereceu» (σκληρᾶς μέτοικος γῆς ἐκεῖ κατέφθιτο, 319).

Para além de uma experiência partilhada, com os seus ou com a actuação de um inimigo, a morte é um momento de intimidade física, como também de um diálogo pessoal com o destino que a cada um está prescrito. A este individualismo, que é essencial na natureza do homem, associa-se a ideia de uma valentia ou de um mérito, que existiu também nos combatentes asiáticos em Salamina.<sup>38</sup> Dentro de um modelo épico, são particularmente poéticos alguns dos quadros de individualismo guerreiro. Matalo, o troiano, cai como um herói de mérito: condutor de um número impressionante de homens, toda a sua vitalidade de criatura humana se lhe concentra na barba (cf. 314-316); coberta de um pêlo ruivo, farto, espesso, sinal de juventude e pujança física associada à autoridade de que gozava, a face mudou-lhe de cor, tingida por um banho de púrpura. A Táribis (323-325) de nada valeu também a imponência física, perante o golpe fatal que o destino lhe preparou (κέῖται θανῶν δελταῖος οὐ μάλ' εὐτυχῶς); por fim, Siénesis (cf. Hdt. 7. 98), a quem assistia a coragem de um herói (326-328), caiu sozinho, depois de cumprida uma hora de reconhecida *aristeia*, para colher a coroa devida à sua glória (εὐκλεῶς). No progressivo individualismo que conduz o relato, Êsquilo esboroa, como uma construção insensata da ambição humana, o aparato de um grande potencial militar, insígnia falsa de um sólido poder imperialista; porque, para além de um desastre colectivo, a morte representa, para cada um, a perda da sua própria vida. Combatentes e heróis jazem, despojados

---

<sup>36</sup> A Salamina, Êsquilo dedica este epíteto, que é hápax, ao mesmo tempo que recorda o nome do mais ilustre dos seus filhos; com Ájax, é o vigor aqueu que ressuscita neste outro confronto a opor os dois continentes.

<sup>37</sup> Πελειοθρέμων «que alimenta pombos» é um hápax.

<sup>38</sup> J. Assael, «La répétition comme procédé stylistique», in *Cahiers du GITA* 7 (1992/1993), p. 20, valoriza o facto de πολυ-, amplamente usado na peça em composições valorativas de quantidade, ser neste momento substituído por εὐ, numa imposição do mérito (εὐειδής, εὐτυχῶς, εὐψυχία, εὐκλεῶς, 324-330) perante a adversidade.



de poder e glória, e humilhados pela pior das exclusões: o direito a receber o acolhimento de um palmo de terra pátrio e o respeito pela sua memória.

No que é o eco claro das questões colocadas pela soberana ao coro de velhos conselheiros, Atossa retoma as mesmas questões perante o mensageiro; assim motiva uma resposta, que já não é, como na anterior esticomitia, um simples comentário breve e cauteloso, mas a descrição minuciosa, exigida por uma tremenda realidade. Satisfeita a pergunta sobre Atenas, a rainha prossegue com o número de forças que deu ao lado grego supremacia no combate; porque não se trata apenas, como antes (235), de contabilizar no abstracto o potencial inimigo; a situação acrescenta agora a essa medida as consequências provocadas: «diz-me quantos navios (πόσον πλῆθος νεῶν) possuíam os Gregos, para conseguirem travar um combate contra o exército persa e provocarem a confusão das trirremes» (334-336)?<sup>39</sup> Como bom persa que é, o mensageiro responde com a lógica dos números: «ao todo, um total de dez vezes trinta, além de uma reserva de mais dez», eis o que os Gregos tinham a opor à armada de Xerxes, «1.000 navios, sem contar os cruzadores de alta velocidade, num total de 207» (339-343). Mas escapa-lhe a importância de outros factores implícitos na pergunta da soberana, como se essa parte da resposta fosse deixada pelo poeta ao cuidado do seu público de cidadãos atenienses: para corrigir a desproporção do número, os Gregos investiram com a coragem, que os não deixou hesitar perante tão grande desvantagem numérica, e com uma disciplina estratégica que conseguiu converter as frias condições dos totais quantitativos. Se os deuses estiveram em Salamina, os homens deram também o seu contributo ao resultado.

O questionário da rainha desfecha de novo, como antes na esticomitia (241-244), na questão da eficácia da chefia (350-352). É sobre a hora decisiva, aquela em que o sinal de abrir hostilidades testa a capacidade de um potencial até então passivo no seu aparato, que se pode avaliar a eficácia de um poder, que se exerce de forma contrastante entre as duas hostes: de um lado, no seu co-

---

<sup>39</sup> J. F. Lazenby, «Aischylos and Salamis», *Hermes* 116 (1988), pp. 168 sq., compara os números fornecidos por Êsquilo com os adiantados por Heródoto (8. 43-48), como também por outros testemunhos, que não são concordantes. No caso da contabilização da armada persa, Êsquilo e Heródoto são próximos.

lectivo anónimo, os Gregos;<sup>40</sup> do outro um indivíduo, «o meu filho», o soberano de Susa, confiante «na multidão das naus».

O combate desencadeou-se como o arranque de um jogo em que se movessem as primeiras pedras; do lado grego, a quem couberam todas as iniciativas neste combate decisivo, avançava, sozinho, um combatente anónimo, com uma única referência identificativa: era ateniense (355). Antes da força, o jogo dispôs-se por via da inteligência e das palavras; o porta-voz grego tomou a iniciativa de falar ao adversário, o grande Xerxes (356), ambos isolados como em prévio duelo de argumentos. A perspicácia substituiu desta vez o recontro de forças que, tradicionalmente, se confrontavam num duelo individual, antes de uma arremetida colectiva (cf. o duelo de Menelau e Páris, na *Iliada*, ou de Etéocles e Polinices, em *Fenícias*). Foi a inteligência que dispôs da sorte das armas: o grego sugeriu, por dolo, o abandono e fuga das forças do seu lado (cf. Heródoto 8. 75); Xerxes, desprevenido da verdadeira intenção do adversário, não percebeu (οὐ ξυνεῖς δόλον, 361) e deu, a todos os seus homens, uma ordem (πᾶσιν προφωνεῖ τόνδε ναυάρχους λόγον, 363), apoiado na confiança (372). A autocracia revelava, com evidência, o seu perigo, compreensão e decisão tomadas, em perigosa responsabilidade, por um só espírito. Seguiu-se a execução de uma estratégia de combate. Dentro do mesmo princípio, qualquer vislumbre de individualidade cessou num momento em que toda a hierarquia asiática se mostrou, de facto, submissa à vontade e à voz de uma autoridade única, o Grande Rei. Diante da massa dos seus navios (νεῶν στίφος, 366), Xerxes ensaia uma repartição, desmesurada em relação ao espaço geográfico envolvente, tornando-se claro o desajuste a uma realidade desconhecida, constituída de saídas e passagens estreitas (367).<sup>41</sup> No conjunto, aos comandantes da frota (383) outra função não coube do que fazer cumprir, mecanicamente, ordens superiores, a que não faltou a ameaça de morte a punir qualquer incumprimento (369-371). Curiosamente a proliferação de termos que estabeleceram, no catálogo do párodo, um sentido hierárquico dentro das forças asiáticas desapareceram, como se

---

<sup>40</sup> E. Hall, *Persians*, pp. 135-136, lembra que o mesmo anonimato era de regra no elogio dos caídos em combate, nos funerais públicos com honras militares.

<sup>41</sup> Sobre as interpretações possíveis desta repartição em três linhas, cf. Lazenby, *op. cit.*, p. 171.

toda a estrutura social tivesse ruído. O próprio título de *basileus* é, no teste prático a que a sua autoridade é sujeita, omitido.

A ordem de ataque saiu de novo do lado grego; claramente audível, modulado como uma mensagem que uma vontade lúcida ditasse, ouviu-se uma espécie de hino (ἡχῆ κέλαδος Ἑλλήνων πάρα μολπηδὸν ἠυφήμησεν, 388-389), a que a natureza respondeu, num apoio expresso, com o seu eco, que era também a voz da resistência (ἀντηγάλαξε ... ἡχώ, 390-391). Neste simples esgrimir de um código de sinais, estava aberta a primeira brecha no que parecia uma força inexpugnável: «o medo apoderou-se dos bárbaros» (391) perante o canto inimigo, que era também a expressão de uma vontade inabalável de vencer (εὐψύχῳ θράσει, 394). A imagem da disciplina e da coesão que assiste, por contraste com a heterogeneidade asiática antes profusamente descrita, às hostes gregas é traçada pelo mensageiro com uma extrema sobriedade de palavras (396-405). A ausência total de nomes, que elimina o individual para deixar brilhar o colectivo, anula diferenças, particularidades ou competências, para acentuar uma ordem rigorosa e ameaçadora; o texto empenha-se em retratá-la com insistência: «em conjunto» (ξυνεμβολῆ), «em cadência» (ἐκ κελεύματος), «todos apareceram à vista» (πάντες ἦσαν ἐκφανείς), «bem alinhado» (εὐτάκτως), «em boa ordem» (κόσμῳ), «a armada inteira» (ὁ πᾶς στόλος). À voz de comando com que Xerxes submeteu os milhares de homens que o seguiam, no que foi sentido como um apelo à obediência e submissão (cf. οὐκ ἀκόσμως, ἀλλὰ πειθάρχῳ φρενί, 374), com vista a uma simples estratégia de distribuição de forças, os Gregos substituíram um brado geral, vindo de todos os corações, que escapava às contingências do imediato para ascender a um objectivo superior: era em nome da pátria, das mulheres e dos filhos, que os Gregos se mobilizavam em torno da palavra «liberdade» (403). Estas são, de modo particularmente significativo, as únicas palavras proferidas por Gregos que ecoam em toda a peça. Sem resposta para este brado, as hostes persas fizeram ouvir um ruído inarticulado, porque abúlico, impessoal e irracional.

Iniciou-se a luta, que foi também um esgrimir de números: primeiro em combates singulares, nau contra nau, lança contra lança (ναῦς ἐν νηί, ἐπ' ἄλλην δ' ἄλλος ... δόρυ, 408-411), com a supremacia «do caudal do exército persa» (ῥεῦμα περσικοῦ στρατοῦ, 412) a prevalecer. Mas logo a quantidade se incompatibiliza com a estreiteza do lugar (πλῆθος ἐν στενωῦ νεῶν, 413) e subverte a lógica

do reconto: em vez de arremeterem contra o inimigo, os Persas passam a chocar entre si, promovendo a autodestruição (οὐτις ἀλλήλοις παρήν, αὐτοὶ δ' ὑπ' αὐτῶν, 414-415). Sem perder a coesão, as navas gregas avançaram então, com a coordenação de sempre, em movimentos concertados, para comprimirem o número numa cintura de resistência (417-418). A multidão de forças asiáticas rapidamente se converteu em multidão de vítimas (πλήθουσα, ἐπλήθουν, 420-421), para além da fuga desorganizada (φυγῆ δ' ἀκόσμως, 422) daqueles a quem a sorte permitia ainda uma última e desonrosa tentativa de salvação. À eficácia do armamento, os Gregos substituíram, na hora decisiva, uma improvisação frenética, que converteu cada estilhaço ou escolho numa arma poderosa (425-427). Impiedosos, os números encerram a narrativa, num balanço final, onde os milhares de homens submergem sob o poder imperioso de um tempo que se conta por modestas unidades (429-432): «Quanto ao balanço das perdas (κακῶν πλήθος), nem dez dias chegariam para lhes fazer uma avaliação. Podes estar certa de que nunca, num só dia, pereceu uma tal quantidade de homens» (ἡμέρα μιᾷ πλήθος τοσοῦτάριθμον ἀνθρώπων θανεῖν).

Psitalia representou ainda o golpe final, aquele que eliminou a elite persa. Tal como o catálogo elaborado pelo coro dava prioridade aos Persas, porque mais próximos da corte e das preferências do regime, também a morte lhes reservou um destino distinto, em opróbrío e desonra. A *arete* que os destacava —feita de vigor físico, coragem, nobreza e lealdade ao rei, 441-442— foi premiada, pela imprevidência régia, mais do que com a chacina, com a vergonha: «tiveram um fim humilhante, vítimas que foram da mais desonrosa das sortes» (τεθνᾶσιν αἰσχρῶς δυσκλεεστάτῳ μόρῳ, 444). Inactivos, bloqueados num terreno de limites apertados, em vez do papel de destruidores de náufragos gregos, foi uma chacina sem apelo perante um inimigo estimulado pela vitória o que os liquidou.

Distante, instalado sobre um ponto de observação (cf. Hdt. 8. 88), Xerxes é a imagem da derrota e da ruína. Abandonado pela força cujo número lhe dava identidade, o Grande Rei assinala, com o rasgar das vestes e um grito de dor, a derrocada. Salamina ganhava assim o direito à inscrição de uma vitória, como também de bastião exemplar de uma cultura que acabava de afirmar, perante um ascendente que não passava de aparência, a realidade e o poder de um ideal.

SILVA, Maria de Fátima, «A arte de construir o sucesso. Persas e Gregos em Salamina», *SPhV* 9 (2006), pp. 111-130.

---

#### RESUMEN

Mais do que uma celebração, partilhada com o público, da vitória, em nome da liberdade, ganha em Salamina, Ésquilo propunha-se avaliar o carácter das duas forças em conflito, tentando identificar as causas do extraordinário resultado da guerra. Para o esboço de um invasor desconhecido —o enorme império persa—, inspirado pela técnica épica do catálogo, os *Persas* projectam, de uma forma distante e discreta, a imagem de Grécia, frágil na aparência, mas forte pelo sucesso. Através da simetria de diferentes catálogos, o poeta materializa o retrato do «outro», como uma parada opulenta que o ideal de um povo arrasou por completo. Esta determinação, protegida pelos deuses, exprime-se na reacção das costas rudes da ilha, como se a própria natureza rejeitasse um ataque ditado pela injustiça.

PALABRAS CLAVE: Bárbaro / Grego, poder político, guerra, *nomos* / *physis*, encenação.

---

#### ABSTRACT

More than a celebration with his audience of the victory won by ardour and freedom at Salamis, Aeschylus was evaluating the character of the two parts in conflict, trying to determine the causes of the famous result of the war. To the design of a strange invader —the huge Persian empire—, inspired by the epic technique of the catalogue, *Persians* projects, in a distant and discreet way, the image of Hellas, fragile in appearance, but strong in success. Through the symmetry of different catalogues, the poet materialises the portrait of «the other» as a pompous parade completely destroyed by another people's ideal. This determination, protected by the gods, is expressed by the reaction of the rough coasts of the island, as if nature above all was rejecting an unjust attack.

KEYWORDS: Barbarian / Hellas, political power, war, *nomos* / *physis*, scene-setting.